

# FREIDA McFADDEN



# QUERIDA DEBBIE



## NOTA DA AUTORA

Embora todos os meus livros sejam thrillers, gênero que em geral inclui elementos sombrios, me esforço para mantê-los o mais acolhedores possível para o meu público. Você não vai encontrar nenhuma cena explícita de violência ou S-E-X-O. (Principalmente porque sei que a minha família vai ler!)

No entanto, as pessoas reagem emocionalmente a coisas distintas, e alguns dos meus livros abordam temas controversos. Por esse motivo, criei uma lista com alertas de conteúdo para as minhas obras, que pode ser encontrada no meu site (em inglês):

[freidamcfadden.com](http://freidamcfadden.com)

Esse recurso pode ser usado por pessoas que precisem proteger sua saúde mental, bem como por responsáveis por menores de idade que estejam lendo meus livros. Mas tenha em mente que, em alguns poucos casos, esses alertas representam grandes spoilers para reviravoltas da trama.

Espero que você curta em segurança a jornada para o interior da minha imaginação!

## UM

### DO ARQUIVO DE RASCUNHOS DA COLUNA QUERIDA DEBBIE

*Querida Debbie,*

*Você sempre diz na sua coluna sensacional que o café da manhã é a refeição mais importante do dia, e eu concordo! Mas a minha família nunca consegue se sentar para tomar café.*

*Todo dia de manhã é a mesma novela: meus filhos procurando sapatos perdidos ou o dever de casa que sumiu da noite para o dia, e meu marido sem conseguir encontrar as chaves ou os óculos de leitura. Ninguém se interessa em tirar cinco minutos para se sentar à mesa da cozinha e saborear o café da manhã que acabei de passar os últimos quinze minutos preparando.*

*Já tentei de tudo! Refeições rápidas, opções para comer sem precisar se sentar, subornos (não pergunte!), mas, não importa o que eu faça, eles sempre saem de casa de barriga vazia!*

*Como, por tudo que é mais sagrado, posso dar um jeito de a minha família tirar uns poucos minutos para tomar um café da manhã nutritivo antes de sair correndo sem nem dar tchau? Debbie, me ajuda!*

*Faminta de Hingham*

*Querida Faminta de Hingham,*

*De fato, o café da manhã é a refeição mais importante do dia. Ele turbinha os nossos níveis de energia e de atenção, e, se você não consumir nada nutritivo nessas primeiras horas, pode passar o dia inteiro se sentindo meio devagar. Em crianças e adolescentes, uma refeição nutritiva pela manhã pode melhorar a memória e o foco na escola.*

*Se a sua família não está interessada em tomar café, tente descobrir que tipos de alimento podem deixá-los tentados a gastar esses quinze minutos extras fundamentais pela manhã. Tem gente que prefere uma tigela de cereal, outros podem querer panquecas e outros, ainda, algo mais reforçado, com ovos, bacon e torradas de pão integral. Descubra do que a sua família mais gosta e atenda a esses desejos!*

*E, se isso não der certo, eu recomendaria instalar um cadeado nas portas da sua casa. Assim que acordar, tranque as duas portas por dentro e guarde a chave no bolso. Avise a todo mundo que ninguém sai de casa antes de ter tomado um café da manhã saudável. Se eles parecerem hesitar, uma simples ameaça de engolir a chave a menos que se sentem para comer certamente fará as coisas avançarem.*

*Não tenho dúvidas de que você logo vai estar saboreando diariamente um café da manhã maravilhoso com a sua família!*

*Debbie*

DOIS

DEBBIE

Sou proibida de falar com minha filha Lexi pela manhã.

Ela impôs essa regra ao entrar para o ensino médio, e, agora que está no último ano, a regra segue firme e em vigor. Foi implementada quando Lexi decidiu que não gostava quando eu ousava perguntar “tudo bem?” assim que ela acordava, e ela simplesmente não estava a fim de “falar agora, mãe, pelo amor de *Deus*”.

Então, na metade do primeiro ano, Lexi anunciou oficialmente que eu não tinha mais permissão para falar com ela durante as primeiras horas da manhã. E se tento qualquer forma de comunicação – seja verbal ou não –, ela me responde atravessado: “O que foi que combinamos?” Ou pior ainda: me fuzila com um olhar *daqueles*.

Vocês sabem a que olhar estou me referindo. Pelo menos se tiverem filhos adolescentes.

Sendo assim, quando Lexi entra em nossa cozinha batendo pé nessa manhã de quarta-feira, eu não falo nada. Apenas sigo comendo minha tigela de cereal, daqueles enriquecidos com fibras. (Agora que passei dos 40, compro no automático qualquer coisa com muita fibra.) É fácil lembrar de não falar com Lexi, pois ela está com as orelhas cobertas por um par de fones de ouvido gigantes. É possível que o fone tenha se fundido com os ossos temporais do crânio dela.

Lexi está com o cabelo preso num rabo de cavalo bagunçado que parece ter sido feito ontem à noite, ou mesmo vários dias atrás, e nunca mais ter sido ajustado. Veste um casaco de moletom de capuz bem grande que parece uma roupa feita para dormir, e o fato de estar usando uma calça de pijama quadriculada não ajuda a desfazer essa impressão. Não é dia de pijama na escola nem nada. É isso que os jovens usam agora. Eu acho de mau gosto, mas por outro lado também sinto inveja. Quisera eu poder usar calça de pijama todo dia.

Das minhas duas filhas, Lexi é a que se parece comigo, fato que, estou certa, é uma fonte de profundo constrangimento para ela. Ela tem a mesma estrutura óssea delicada no rosto e o cabelo levemente ondulado, de um tom escuro semelhante. Assim como eu, tem facilidade para os estudos, motivo pelo qual está cursando quatro matérias em nível avançado esse ano e fazendo uma aula de teoria dos números, porque já cursou cálculo avançado ano passado.

E também assim como eu, ela talvez seja um pouco inteligente demais para o próprio bem.

Lexi nem olha para mim ao traçar uma linha reta até a geladeira, embora lance um olhar de desprezo para as latas que enfileirei na bancada da cozinha para doar na escola. Tudo que eu faço é uma combinação de constrangimento e irritação. No entanto, meu crime mais imperdoável de todos foi batizá-la de Alexa. Em minha defesa, como eu poderia saber que Alexa iria se tornar uma *coisa*?

Lexi lança um olhar para trás e parece estranhar quando me vê. Está se coçando para comentar, mas isso iria romper seu eterno voto de silêncio. A luta interna parece real.

Por fim, eu ganho. É o batom. Eu nunca uso batom.

– Por que tá tão arrumada, mãe? – quer saber ela.

Abocanho mais uma colherada do meu cereal de fibras, então encosto um guardanapo no batom. Como sou mais um tipo de mãe que vive de camiseta e legging, ela está surpresa por me ver de vestido e toda maquiada. Até sequei o cabelo com o secador, em vez de prendê-lo ainda úmido num rabo de cavalo.

– Os fotógrafos da *Jardim de Casa* vão vir hoje – lembro. – Vão fotografar o nosso quintal.

Era uma honra ter sido escolhida pela revista para esse ensaio em especial. Como mãe de duas meninas e dona de casa, houve momentos em que minha vida pareceu um pouco... bem, um pouco vazia. Tenho orgulho das minhas filhas, mas queria ter orgulho de algo que fosse só meu. Essa sessão de fotos deu uma boa turbinada na minha autoestima. Eu dou bastante duro no meu jardim.

Houve momentos em que senti que, se não tivesse minhas flores, eu nem conseguiria sair da cama de manhã.

– Não sabia – diz Lexi, embora eu tenha mencionado o ensaio dezenas de vezes.

Não comento a ironia de que, se fosse eu quem tivesse esquecido algo que ela me disse ontem mesmo, ela estaria me esculhambando nesse exato momento.

– Bom, boa sorte – acrescenta ela.

Foi uma coisa simpática de dizer. E outro milagre ocorreu: minha filha de 17 anos agora está *falando comigo pela manhã*. Parece uma espécie de sonho maluco e maravilhoso. Será que posso me atrever a pensar que os anos difíceis da adolescência estão chegando ao fim?

– Obrigada – respondo com cautela, evitando fazer qualquer coisa capaz de perturbar a paz.

Lexi então franze o nariz.

– Você não vai mesmo levar todas essas latas pra escola hoje, vai? Vai ficar parecendo uma catadora de lixo.

Tá, talvez os anos difíceis *ainda* não tenham ficado para trás.

Antes de eu conseguir pensar numa resposta adequada para a crítica da minha filha ao fato de eu doar comida para os necessitados, Isabel, minha outra filha, entra na cozinha. É melhor assim. Lexi não teria gostado da minha resposta.

Izzy está no segundo ano da Escola Preparatória de Hingham, dois abaixo da irmã. Enquanto Lexi se parece comigo de um jeito perturbador, Izzy é bem mais parecida com o pai. Tem o mesmo cabelo castanho mais claro, o mesmo sorriso largo, a mesma estrutura física robusta. E, assim como o pai, leva a vida sempre numa boa.

Ao contrário de mim e Lexi, Izzy sempre foi muito atlética. Elaborei a teoria de que talvez o excesso de endorfina a tornasse mais agradável do

que a irmã. Pelo menos, essa é a minha teoria atual. Se eu não me obrigasse a ir à academia várias vezes por semana, assassinaría todo mundo no quarteirão.

– Oi, mãe. – Izzy pega uma maçã na tigela que fica sobre a bancada. – Tenho que correr. O ônibus vai chegar em um minuto.

– Seu café da manhã vai ser só isso? – protesto.

– Mãe, eu tenho que *ir*.

Na vida e na maternidade, *especialmente* na maternidade de adolescentes, é preciso escolher suas batalhas.

– Tá, te amo! – grito atrás dela. – Te pego depois do futebol.

Izzy hesita, e seu rabo de cavalo alto balança de leve enquanto ela fica parada, parecendo refletir sobre quais serão suas próximas palavras. Ela enfia a maçã no bolso do moletom.

– Não precisa – diz ela por fim. – Eu volto de ônibus.

– Mas peraí.

Quando me levanto depressa, minha tigela de cereal se inclina e um pouco de leite se derrama na mesa da cozinha. Por sorte, não cai no meu vestido.

– O ônibus da escola não vai passar depois do futebol – digo. – Eu posso te buscar.

Izzy não responde.

– Não tem problema nenhum! – garanto a ela, tentando não pensar nos dias em que ia buscar Izzy na creche e ela corria para mim tão depressa que quase me derrubava no chão.

Não sei ao certo quanto tempo Izzy teria ficado ali me encarando, com as mãos enfiadas nos bolsos, se Lexi de repente não tivesse dito:

– Pelo amor de Deus, *Iz*, conta pra ela e pronto.

Olho alternadamente para as duas. Detesto quando elas têm segredos entre si, embora isso seja melhor do que vê-las brigando.

– Me contar *o quê*?

Izzy continua calada. Lexi solta um suspiro exagerado e diz:

– Ela foi expulsa do time de futebol.

– Lexi! – sibila Izzy, e seu rosto fica rosa.

– *Como é que é?*

Isso é totalmente ridículo. Izzy joga futebol desde o jardim de infância.

Seria capaz de driblar a bola dormindo. Como pode ter sido expulsa do time? Ela é uma das melhores jogadoras do segundo ano. Caramba, é uma das melhores jogadoras de toda a escola, *ponto*.

– Não estou entendendo. Você foi expulsa do time por quê?

Izzy se recusa a me encarar.

– Mãe...

Deve ser algum engano. Não tem outra explicação.

– Vou dar uma ligada pro treinador Pike.

– Mãe, *não*. – Ela arregala os olhos em pânico. – Tenho que sair agora.

Não liga pro Pike.

– Izzy...

– Por favor, não liga pra ele. – Seu olhar é de puro desespero. – Mãe, promete pra mim que não vai ligar.

Não quero que ela perca o ônibus. Não tenho como levá-la agora, porque preciso estar em casa para a sessão de fotos. Mas como ela não vai se mexer antes de eu concordar, finalmente respondo:

– Prometo.

Prometo não *ligar* para ele. No entanto, não prometo não ir à sala dele perguntar onde ele estava com a cabeça ao cortar minha filha do time.

Izzy me lança um último olhar e sai correndo pela porta. Essa menina vive correndo. É uma jogadora *incrível*. Não sei o que aconteceu para ela ser expulsa do time, mas estou decidida a descobrir a verdade.

Volto a atenção para minha outra filha, que pegou uma lata de creme de milho e está lendo o rótulo com uma expressão amargurada no rosto, como se os ingredientes a houvessem ofendido pessoalmente.

– Você sabe o que aconteceu? – pergunto.

– Mãe, meu Deus do céu, *não*, eu *não sei*. – Lexi solta um grunhido. – Será que dá pra parar de me perguntar tipo um milhão de vezes?

É a primeira vez que eu pergunto, mas tudo bem.

– Você não ficou sabendo de nada mesmo?

– *Não*. – Lexi me encara com um olhar furioso, então acrescenta: – Além do mais, é melhor pra ela estar fora do time. O Pike é um tarado.

– Tarado?

Ela revira os olhos, irritada por precisar gastar tempo me explicando cada coisinha.

– Minha amiga Mira era do time de futebol e disse que ele vivia, tipo, entrando “sem querer” no vestiário quando as meninas estavam se trocando. Pedia desculpas e saía na hora, mas... bom, pra mim isso não parece sem querer.

Ele fazia o quê?

O cereal gruda na minha garganta enquanto reflito sobre essa revelação. Izzy nunca comentou nada nesse sentido, mas conheço essa amiga de Lexi, e ela não é do tipo que inventa histórias. Será que é verdade? E, se for, será que eu *quero* que Izzy faça parte do time de futebol?

– Ai, mãe, será que dá pra parar com isso? – pede Lexi, irritada.

Eu me forço a engolir o cereal que está na minha boca.

– Parar com o quê?

– De mastigar – diz ela.

– De mastigar? – repito, incrédula.

– O seu jeito de mastigar é... superbarulhento. Tipo, ninguém mais no mundo mastiga assim. Sério, mãe... é superestranho. Deve dar pra ouvir lá no vizinho.

Ninguém nunca tinha me criticado pelo volume da minha mastigação. Por alguns segundos, fico sem saber o que dizer.

– Desculpa. Vou tentar mastigar mais *baixo*.

– É *muito* alto – insiste ela. – Você vive mastigando e é, tipo, *muito* irritante.

Por um momento sou distraída de meus pensamentos sobre o treinador Pike pela questão mais imediata de tentar entender o que aconteceu com meu relacionamento com minha primogênita. Eu me lembro de um tempo em que fazia panquecas para Lexi de manhã. Eu caprichava. Fazia uma carinha sorridente com mirtilos em cada panqueca, ou então, se fosse um dia especial, com gotas de chocolate. Quando Lexi via essas panquecas de carinha sorridente (principalmente as de chocolate), os olhos dela brilhavam. Ela primeiro comia todos os mirtilos e as gotas de chocolate, depois cobria a pilha de mel. Depois de algumas mordidas, erguia os olhos para mim com um sorriso grudento e feliz. *Mamãe, você faz as melhores panquecas do mundo!*

Como mais uma colherada do meu cereal, pensando se existe alguma atividade que eu possa sugerir para fazermos juntas. Ir às compras, quem

sabe? Lexi sempre amou fazer compras, mesmo quando era pequena, e até hoje adora roupas. Mas encontrar peças de que ela goste talvez seja um desafio.

Posso sugerir levá-la a uma loja de pijamas. Será que existe isso? Se não existir, deveriam criar. É uma ideia genial.

A buzina de um carro soa lá fora, tão alto que nós duas nos sobressaltamos. Eu não consigo mais fazer minha filha sorrir, mas essa buzina, sim. É o namorado dela, Zane, que completou 18 anos recentemente, tirou a habilitação definitiva e agora pode levá-la à escola de carro todo santo dia.

Mas ele nunca entra na nossa casa. Só toca essa maldita buzina alto o suficiente para avisar à vizinhança inteira que chegou. Talvez o volume da buzina seja mais alto até do que o da minha mastigação.

– Preciso ir – entoa Lexi.

Minha filha pega a mochila do chão, pesada a ponto de fazê-la inclinar levemente o corpo para trás quando a está usando. Abre a boca como se fosse se despedir de mim, mas então se lembra da própria regra de não me dirigir a palavra pela manhã e sai correndo sem dizer mais nada.

Só comi metade do meu cereal, mas não estou com muito apetite. Sigo o mesmo caminho pela sala que Lexi usou para chegar até a porta, sabendo que ela não se deu ao trabalho de trancar depois de sair. E por que se daria, já que eu sempre tranco?

Estou sempre a postos para ajudar minha família. Sempre.

Espio pela janela o Kia vermelho surrado que está saindo da frente da minha garagem. Toda vez que vejo esse carro, penso comigo mesma que Zane deveria simplesmente levá-lo direto para o ferro-velho da cidade e deixá-lo lá. Não fico muito feliz com o fato de minha filha mais velha estar sendo transportada até a escola nessa lata-velha, mas admito que não tenho muito poder de decisão em relação a isso.

Meus pensamentos sobre o rapaz ao volante da lata-velha são menos gentis ainda.

Vejo Zane de relance quando ele está entrando na rua em frente à minha casa. O cabelo é comprido e desgrenhado, e ele é magro feito um varapau, embora nas vezes em que estive na minha casa tenha devorado pequenas montanhas de comida. Se metade da minha geladeira foi esvaziada, isso significa que Zane veio fazer uma visita. Principalmente se a porta da

geladeira não tiver sido fechada direito e o assento da privada estiver levantado. Sem falar no fato de eu ter quase certeza de que ele fuma vape. Nem sei direito o que é isso, mas sei que não quero minha filha namorando alguém que faz isso. Não que eu tenha muita escolha.

Mas, acima de tudo, não gosto do jeito como ele olha para Lexi. Há algo na expressão dele que me incomoda. É algo que já vi antes... uma lembrança que nunca vou conseguir bloquear.

Lexi e Zane estão juntos há uns quatro meses, e três meses e meio atrás eu já queria que o namoro tivesse acabado.

Mas não posso impedi-la de namorar o menino. Ela tem 17 anos, e uma proibição assim só vai piorar as coisas. Se eu lhe disser para parar de vê-lo, ela só vai ver Zane ainda mais. Não, a atitude inteligente é dar tempo ao tempo. Ela é uma menina esperta e vai se dar conta. Mais cedo ou mais tarde, Zane vai levar um pé na bunda.

E, se isso não acontecer, bom, pretendo proteger minha filha. As duas. Quer queiram, quer não.

Estou prestes a voltar para a cozinha, mas me detenho ao perceber outro clarão de movimento do lado de fora da janela. É meu vizinho Brett Carlson, que está descendo a pé o acesso da garagem que separa nossas casas. Na verdade, ele não está só a pé, está *batendo os pés*. Está se encaminhando para a minha porta. Em mais um minuto, vai começar a esmurrá-la.

Esse dia está prestes a ficar interessante.

## TRÊS

Embora eu esteja a poucos metros da porta, não a abro de imediato. Dou a Brett uma chance de apertar a campainha. De novo. Então, conforme previsto, começam os murros.

– Abre essa porta! – grita ele enquanto bate com os punhos inutilmente na porta da nossa casa. – Agora!

Que cara mais dramático.

Brett Carlson se mudou para nosso bairro mais ou menos um ano atrás. Conheço muito bem a maioria dos vizinhos, mas não ele. Tudo que sei é que ele trabalha na área financeira, dirige um carro esportivo depressa demais e ouve música aos berros quando está trabalhando de casa, alto o suficiente para incomodar o bairro inteiro. E sempre consegue abaixar o volume logo antes de a polícia chegar devido a uma reclamação por excesso de barulho.

Sem pressa, vou abrir a porta. Mas, antes, pego o estilete que guardamos no hall de entrada e o enfio no bolso do vestido. Só por garantia.

Brett está na minha varanda da frente com os punhos cerrados e o rosto inteiro tingido de um vermelho bem escuro. Está me fuzilando com um olhar ameaçador. Mantenho os dedos da mão direita fechados em volta do estilete que escondi no bolso.

– Bom dia, Brett! – exclamo, alegre. – Posso te ajudar com algo?

– Eu sei o que você fez! – sibila ele para mim. – Eu sei o que você fez, Debbie! E você não vai escapar impune!

Fico olhando para ele, piscando, aturdida.

– Não sei do que você tá falando. O que você acha que eu fiz?

– Eu sei que foi você! – Todas as veias no pescoço de Brett estão saltadas.

– Acha que depois de todas as reclamações por excesso de ruído eu não iria descobrir?

– De verdade, Brett, eu não sei do que você está falando – digo.

– O meu quadro de luz – esclarece ele. – Você desceu no meu porão e cortou o fio do disjuntor do escritório. Eu estou *sem energia* no escritório. Vai ser uma fortuna pra consertar!

Levo a mão ao peito.

– Caramba!

– *Caramba* – repete ele, num tom de zombaria. – Que cara de pau a sua. Não gosta do volume da minha música, aí vai e corta a energia. – Ele estreita os olhos para mim. – Eu sei que foi você. E você vai pagar.

Ele parece estar tentando forçar a barra para entrar na minha casa e continuar a conversa. Impeço sua entrada, pronta para sacar o estilete se for preciso. Mas não vai chegar a tanto. Brett só é valente da boca pra fora.

– Brett, lamento *muito* o que aconteceu com seu quadro de luz. – Franzo o cenho. – Mas juro que não fui eu. Mal sei mexer no quadro de luz *daqui!* Aquela fiação toda... é tudo um grande mistério pra mim. Pergunta só pro Cooper. Ele vive religando os disjuntores.

Brett continua me encarando, sem se deixar convencer.

– Eu sei que foi você.

– Você tem alguma prova?

– Prova?

– É uma pergunta simples, Brett – respondo com um sorriso educado.

– Não preciso de prova nenhuma – retruca ele. – Eu sei que foi você.

Dou risada, o que parece apenas enfurecê-lo.

– Mas que absurdo. Como é que eu iria entrar no seu porão?

Ele faz uma pausa durante uma fração de segundo para refletir sobre a pergunta.

– Eu tinha uma chave escondida debaixo do lampião no quintal dos fundos. Você deve ter se tocado de que a chave estava lá.

É verdade, existem algumas pessoas ingênuas que escondem as chaves da porta de casa num local fácil de encontrar: debaixo de uma pedra, dentro de um vaso de plantas ou até mesmo sob o capacho. É como mandar um convite em alto-relevo para os ladrões. Quando vamos visitar amigos, Cooper e eu sempre fazemos uma brincadeira: eu preciso adivinhar onde está escondida a chave reserva antes de chegarmos à porta. Isso sempre o faz rir. Recentemente, quando fomos jantar na casa de um colega dele, eu falei que a chave estava escondida debaixo de um anão de jardim ao lado da porta. Quando levantamos o anão, dito e feito: ali estava a chave. Levo jeito para esse tipo de coisa.

– Então você está dizendo que eu encontrei essa tal chave escondida no quintal, invadi sua casa no meio da noite e de alguma forma cortei o fio de um disjuntor do quadro de luz? – digo. – Brett, sou só uma dona de casa. Acha mesmo que eu fiz tudo isso?

Pela primeira vez desde que ele apareceu, um lampejo de dúvida surge em seu semblante.

– Deve ter sido algum adolescente – arrisco. – Ontem, no início da noite, vi uns meninos mal-encarados zanzando aqui pela rua. Não me espantaria se tivessem metido na cabeça que queriam alguma confusão.

Não é totalmente mentira. Zane vive zanzando por aqui, e meio que não há como ser mais mal-encarado do que ele.

– Continuo achando que foi você. – Brett me encara com raiva, mas parte da convicção por trás de suas palavras perdeu a força. – Posso até não ter nenhuma prova, mas vou instalar uma câmera assim que consertar o quadro de luz.

– Que ideia maravilhosa! – entoo. – Câmeras de segurança são um jeito excelente de manter sua casa segura.

Brett parece querer me estrangular. Mais uma vez, quase pego o estilete, mas então me detenho. Em vez disso, sorrio para meu vizinho.

– Espero que peguem quem fez isso com você – digo.

– Aham – resmungo ele. – Sei.

E, com essas palavras, ele dá meia-volta e desce bufando os degraus da varanda, o tempo inteiro lançando olhares irados para trás.

## CONHEÇA OS LIVROS DE FREIDA McFADDEN

O detento

Até o último de nós

A sete chaves

O filho perfeito

A mulher em silêncio

Querida Debbie

### SÉRIE A EMPREGADA

A empregada

O segredo da empregada

O casamento da empregada (apenas e-book)

A empregada está de olho

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

